

“Minha mulher” é igual a “não mulher”? O pronome possessivo como modificador desrealizante inversor no discurso machista

Alvaro Magalhães Pereira da Silva

Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil.
alvaromps2@gmail.com

Resumo: No presente artigo, tenho por objetivo demonstrar, com base nos quadros da Teoria da Argumentação na Língua (ADL) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) e a partir de um *corpus* constituído pela canção “Na Subida do Morro”, atribuída a Moreira da Silva e Ribeiro Cunha, que, em determinadas manifestações do discurso machista, o pronome possessivo, ao se combinar com a *palavra plena* “mulher”, atua como *modificador desrealizante inversor*, assumindo característica própria a advérbios e adjetivos na argumentação e fazendo com que sintagmas como “minha mulher” e “sua mulher” possuam argumentativamente papéis semelhantes ao sintagma “não mulher”. Pretendo assim trazer subsídios tanto para as discussões acerca da constituição do discurso machista como para os estudos dos *modificadores*.

Palavras-chave: Argumentação. Teoria dos Bloco Semânticos. Modificador desrealizante inversor. Discurso machista.

Abstract: In this paper, I aim to demonstrate, based on the frameworks of Theory of Argumentation Within Language (ADL) and Theory of Semantic Blocks (TBS) and from a *corpus* constituted by the song “Na Subida do Morro”, attributed to Moreira da Silva and Ribeiro Cunha, that, in certain manifestations of sexist discourse in Portuguese, the possessive pronoun, when combined with the word “mulher” (“woman”), acts as a *inverting derealizing modifier*, assuming characteristics proper to adverbs and adjectives in argumentation and giving to expressions like “minha mulher” (“my woman” as “my wife”) and “sua mulher” (“your woman” as “your wife”) argumentative roles similar to the expression “não mulher” (“non woman”). In this way, I intend to bring subsidies for both the discussions about the constitution of sexist discourse and the studies on *modifiers*.

Keywords: Argumentation. Theory of Semantic Blocks. Inverting derealizing modifier. Sexist discourse.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo descrever uma função argumentativa peculiar que o pronome possessivo assume em determinadas manifestações do discurso machista. Mais especificamente, pretendo demonstrar como pronomes possessivos como “minha” e “sua” atuam, por vezes, no discurso machista como *modificadores desrealizantes inversores* ao se unirem ao substantivo “mulher”, assumindo assim uma característica própria a advérbios e adjetivos na argumentação e fazendo com que sintagmas como “minha mulher” e “sua mulher” possuam argumentativamente papéis semelhantes ao sintagma “não mulher”¹.

Dessa forma, pretendo com este artigo trazer subsídios tanto para discussões acerca da constituição do discurso machista quanto para os estudos dos *modificadores* dentro dos quadros da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), proposta por Anscombe e Ducrot (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994 [1983]; DUCROT, 1995), e de seus desenvolvimentos posteriores, particularmente da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Carel e Ducrot (CAREL, 1992; CAREL, 2001; DUCROT, 2002; CAREL; MACHADO, 2016). Situado assim esta análise na interface entre discurso e argumentação.

Para cumprir o objetivo a que me proponho, tomarei como *corpus* a canção “Na Subida do Morro”, atribuída a Moreira da Silva e Ribeiro Cunha e lançada em 1952, na voz do próprio Moreira da Silva, pela gravadora Continental em disco de 78 rotações². Representante do gênero samba-de-breque, a canção fez um sucesso tal que, ao longo dos anos, ganhou reinterpretações de Roberto Carlos, Wilson Simonal, Ney Matogrosso, Emicida, Jards Macalé e Zeca Baleiro, entre outros artistas consagrados ou emergentes, a última delas lançada em 2015, o que atesta que, a despeito de seu mais de meio século, as proposições da canção ainda reverberam.

¹ Decidi redigir este artigo predominantemente na primeira pessoa do singular por dois motivos. Em primeiro lugar, por considerar que o exercício de análise não está isento da condição de ser no mudo do pesquisador que a realiza. Em segundo lugar, por considerar, como propõe Van Dijk, que a escolha do tópico de pesquisa científica não é neutra, mas depende do engajamento do pesquisador (VAN DIJK, 2012 [2008], p. 15).

² As informações constam do *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira*, cuja elaboração foi iniciada em 1995 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Acesso em: 20 set.2018. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/>. Em entrevista ao jornal *O Pasquim*, Moreira da Silva admitiu que a autoria da canção não era sua, como consta no selo do disco, mas de Geraldo Pereira, de quem a teria comprado (SOUZA, 1976, p. 160). Pesquisa realizada por Gonçalves, biógrafo de Moreira da Silva, indica que a canção foi composta na década de 1930, como desfecho de uma peça teatral que Geraldo Pereira encenou no Morro de Mangueira, Rio de Janeiro, mas permaneceu inédita em discos até ser adquirida e gravada por Moreira da Silva (GONÇALVES, 1996).

No primeiro tópico deste artigo, para situar o conceito de *modificador desrealizante inversor*, faço uma breve revisão da classificação semântica do léxico proposta por Ducrot e de alguns conceitos da TBS que embasarão minha pesquisa. No segundo tópico, exponho a análise. Por fim, apresento minhas conclusões.

1. Classificação semântica do léxico

É necessário iniciar esta breve revisão bibliográfica com um alerta: o grupo de Ducrot tem por característica a constante revisão e reformulação de suas propostas teóricas, de onde se depreende que a ADL e, particularmente, a TBS, tida como radicalização da ADL, são teorias em construção. Tendo isso em vista, procurarei tomar como base, para esta revisão, texto de 2002 de Ducrot no qual o autor expõe sua classificação semântica do léxico (DUCROT, 2002). Por vezes, no entanto, terei de me referir a textos anteriores de Carel e de Ducrot, para detalhar determinadas proposições, e também a textos mais recentes dos autores, nos quais são feitas certas reformulações de conceitos presentes no texto de 2002.

Isso posto, começo por dizer que, ao propor, em 2002, uma classificação semântica do léxico, Ducrot difere duas grandes classes de palavras (DUCROT, 2002, p. 10):

- (a) palavras plenas;
- (b) palavras instrumentais.

As *palavras plenas*, segundo o autor, são aquelas que podem ser investidas de sentido e, portanto, capazes de evocar discursos constituídos por encadeamentos argumentativos, tendo em vista que é um pressuposto geral da TBS que o sentido de uma palavra pode (e deve) ser sempre descrito na forma de um encadeamento argumentativo. A respeito dos encadeamentos argumentativos, Ducrot afirma:

Entende-se por essa expressão (escolhida de modo amplamente arbitrário), e entende-se unicamente, sequência de duas proposições (no sentido sintático do termo) ligadas por um “conector” [...] ou do tipo geral *donc* (portanto) ou do tipo geral *pourtant* (no entanto). (DUCROT, 2002, p. 7-8)

De acordo com o autor, os encadeamentos argumentativos podem ser descritos de forma sintética por meio de seus aspectos. Os aspectos cujos segmentos são ligados por conectores do tipo geral *donc* (portanto) são chamados de *aspectos normativos*, enquanto os que possuem o conector do

tipo geral *pourtant* (no entanto) interligando seus dois segmentos são chamados de *aspectos transgressivos*³ (CAREL, 2001; DUCROT, 2002). Para citar um exemplo caro aos autores da TBS, a palavra “prudente” pode evocar o encadeamento “prudente, portanto segurança”, cujo aspecto, classificado como *normativo*, seria descrito como “prudente DC segurança”, onde DC corresponde ao conector *donc* (portanto), ou o encadeamento “prudente, no entanto não segurança”, cujo aspecto, classificado como *transgressivo*, seria descrito como “prudente PT NEG-segurança”, onde PT corresponde ao conector *pourtant* (no entanto) e NEG corresponde a toda forma de negação⁴.

Ainda conforme Ducrot, o encadeamento argumentativo pode estar relacionado à palavra que o evoca de modo externo ou interno. O encadeamento argumentativo externo é aquele cujo aspecto contém, em um de seus segmentos (anterior ou posterior ao conector), a palavra que o evoca. Dessa forma, o encadeamento “prudente DC segurança” é externo à palavra “prudente”, pois a contém. Por outro lado, o encadeamento argumentativo interno é aquele cujo aspecto não contém, em nenhum de seus segmentos, a palavra que o evoca. É o caso, ainda tomando como exemplo a palavra “prudente”, do encadeamento “perigo DC precaução” (DUCROT, 2002, p. 8-10).

Em proposição que seria revista posteriormente, Ducrot chama de argumentação externa (AE) de uma palavra a pluralidade de aspectos constitutivos do seu sentido que estão ligados a ela de forma externa e de argumentação interna (AI) de uma palavra a pluralidade de aspectos que constituem seu sentido e que se ligam a ela de forma interna. Entende-se por pluralidade de aspectos o conjunto formado por aspectos normativos e por aspectos transgressivos (DUCROT, 2002, p. 9-10)⁵.

Dessa forma, se uma palavra X evoca o aspecto externo “X CONN Y”, a mesma palavra também evocaria o aspecto externo dito converso⁶ “X CONN’

³ Como ocorre em parte das traduções das obras de Carel e Ducrot, mantive neste artigo em itálico os termos em francês (como “donc” e “pourtant”) com as respectivas traduções para o português (“portanto” e “no entanto”) entre parênteses.

⁴ A palavra “prudente” é utilizada, entre outros textos, como exemplo em Ducrot (2002) e Carel (2011, 2016).

⁵ O autor ainda difere a AE à esquerda, que contempla os aspectos nos quais a *palavra plena* aparece no segundo segmento (posterior ao conector) e que diz respeito às causas da *palavra plena*, e a AE à direita, que contempla os aspectos nos quais a *palavra plena* aparece no primeiro segmento (anterior ao conector) e que diz respeito às consequências da *palavra plena* (DUCROT, 2002, p. 8-9). Trato, neste artigo, apenas da AE à direita.

⁶ Um aspecto de encadeamento argumentativo é dito converso de outro aspecto de encadeamento argumentativo caso os primeiros segmentos de ambos sejam iguais e o conector e o segundo segmento do primeiro aspecto sejam opostos aos do segundo aspecto. Assim, para transformar o aspecto X CONN Y em seu converso, é necessário manter o segmento X, trocar o

NEG-Y”, em que CONN corresponde a um conector, CONN’ corresponde ao conector oposto a CONN, e NEG corresponde, como já mencionado acima, a toda forma de negação (DUCROT, 2002, p. 10). Considerando a palavra “prudente”, sua AE seria então composta não só pelo aspecto normativo “prudente DC segurança” como também pelo aspecto transgressivo “prudente PT NEG-segurança”. Ou seja, a palavra “prudente” seria capaz de evocar tanto discursos normativos do tipo “prudente, portanto segurança” como discursos transgressivos do tipo “prudente, no entanto insegurança”.

Diferentemente do que ocorre com a AE, uma palavra não poderia comportar, em sua AI, um aspecto e seu converso. O converso do aspecto que integra a AI de uma palavra seria um aspecto da AI do oposto de tal palavra. Ou seja, se uma palavra X evoca o aspecto interno “Y CONN Z” em sua AI, seria o oposto dessa palavra que evocaria o aspecto interno “Y CONN’ NEG-Z” (DUCROT, 2002, p. 11). Retomando a palavra “prudente”, se sua AI comporta o aspecto “perigo DC precaução”, o converso desse aspecto – “perigo PT NEG-precaução” – integraria a AI de “imprudente”.

Conforme observado por Carel um ano antes de Ducrot propor sua classificação semântica do léxico, a AE e a AI atuam de forma diferente ante a negação. De acordo com a autora, se o aspecto “X CONN Y” integra a AE de uma palavra, é o recíproco⁷ desse aspecto, “NEG-X CONN NEG-Y”, que integra a AE do oposto da palavra em questão. Enquanto, como observado acima, se o aspecto “X CONN Y” integra a AI de uma palavra, é o converso desse aspecto, “X CONN’ NEG-Y”, que integra a AI do oposto da palavra (CAREL, 2001, p. 15).

Posteriormente, Carel e Ducrot reviram a proposição acerca da AE e concluíram que uma palavra não pode evocar simultaneamente um aspecto e seu converso, mas, isto sim, um entre os dois (CAREL; MACHADO, 2015, p. 7). Dessa forma, a palavra “prudente” evocaria ora discursos normativos do tipo “prudente, portanto segurança” e ora discursos transgressivos do tipo “prudente, no entanto insegurança”.

conector CONN por seu oposto CONN’, e também trocar o segmento Y por seu oposto NEG-Y, resultando em X CONN’ NEG-Y.

⁷ Um aspecto de encadeamento argumentativo é dito recíproco de outro aspecto de encadeamento argumentativo caso os conectores de ambos sejam iguais e os dois segmentos do primeiro aspecto sejam opostos aos dois segmentos do segundo aspecto. Assim, para transformar o aspecto X CONN Y em seu recíproco, é necessário manter o conector CONN e transformar os segmentos X e Y em seus opostos NEG-X e NEG-Y, resultando em NEG-X CONN NEG-Y.

Diferentemente das *palavras plenas*, as *palavras instrumentais* são, conforme a classificação de Ducrot, aquelas às quais não se quer ou não se pode associar um conjunto específico de discursos e que, portanto, não podem ser investidas de sentido. As *palavras instrumentais* são distribuídas pelo autor em três subcategorias (DUCROT, 2002, p. 11):

- (b.1) conectores;
- (b.2) articuladores;
- (b.3) operadores.

Já mencionados na definição de Ducrot acerca dos encadeamentos argumentativos, os conectores são as palavras cuja função é construir tais encadeamentos e que podem ser subdivididas em palavras cuja função é análoga à de *donc* (portanto) e palavras que possuem papel similar ao de *pourtant* (no entanto) (DUCROT, 2002, p. 11).

Os *articuladores* são palavras que têm como função relacionar encadeamentos argumentativos (DUCROT, 2002, p. 11). O mais estudado pelos autores da ADL e da TBS é o articulador, em francês, *mais* (“mas”, em português), que dá peso maior ao encadeamento evocado pela palavra à direita do *articulador*, servindo, em certos casos, para retificar e, em outras ocasiões, para negar o encadeamento evocado pela palavra à esquerda do *articulador* (VOGT, 1980; ANSCOMBRE; DUCROT, 1994 [1983]). Não me deterei na questão dos *articuladores*, pois não me referirei a eles durante a análise.

Já os *operadores* são categorizados em dois tipos: *modificadores* e *internalizadores*. O conceito de *modificador* – e sua subdivisão em *realizantes*, *desrealizantes atenuadores* e *desrealizantes inversores* – foi esboçado por Anscombre e Ducrot (1994 [1983]), quando a ADL estava sua fase inicial, e detalhado por Ducrot (1995), ainda sem levar em consideração o conceito de AI, introduzido em seus estudos após a distinção entre AE e AI ser proposta por Carel (1995). Em 1995, o autor define *modificadores* como palavras que aumentam ou diminuem a “aplicabilidade” da *palavra plena*⁸ (DUCROT, 1995, p. 146). Em 2002, já considerando as diferenças entre AE e AI, o autor propõe uma nova definição:

Uma palavra instrumental Y é dita “modificador” em relação a uma palavra [plena] X se a AI do sintagma XY é feita só com as palavras plenas contidas na AI

⁸ Ainda antes de ter proposto a classificação semântica do léxico, Ducrot usa o termo “predicado” para se referir às *palavras plenas* (DUCROT, 1995).

de X: assim, pois, Y não introduz nenhum termo pleno novo nos aspectos que constituem a AI de X. (DUCROT, 2002, p. 12)

Como observa Ducrot (2002, p. 12-13), a nova definição não anula a primeira, mas a expande, em função da AI, com o intuito de contemplar certas nuances, após estudos acerca da palavra francesa *trop* (“demais”, em português) empreendidos por Carel em 1995. Não entrarei aqui nesta questão. Para os fins deste artigo, basta destacar que, para a TBS, os *modificadores* são palavras que, ao formar um sintagma com *palavras plenas*, reorganizam os aspectos da AE e da AI das *palavras plenas* isoladas de modo a intensificá-las no caso dos *modificadores realizantes*, a atenuá-las no caso dos *modificadores desrealizantes atenuadores*, ou a transformá-las no caso dos *modificadores desrealizantes inversores*.

Tomarei mais uma vez o exemplo da palavra “prudente”. Quando unida à palavra “muito”, com função de advérbio, para formar o sintagma “muito prudente”, o aspecto “perigo DC precaução”, que integra a AI da palavra isolada “prudente”, aparece também com aspecto integrante da AI do sintagma “muito prudente”, sendo apenas ampliada, no caso do sintagma, a força com que esse discurso doador de sentido pode ser evocado. Com relação ao aspecto “prudente DC segurança”, integrante da AE da palavra isolada “prudente”, há uma mudança pouco significativa, passando a “muito prudente DC segurança” na composição da AE do sintagma “muito prudente”, também ampliando apenas a força com que o discurso doador de sentido pode ser evocado. “Muito” atua então como *modificador realizante*.

De modo semelhante, se “prudente” une-se à locução adverbial “um pouco” formando o sintagma “um pouco prudente”, o aspecto “perigo DC precaução”, integrante da AI da palavra isolada “prudente”, não sofre alterações, figurando também como “perigo DC precaução” na composição da AI do sintagma “um pouco prudente”, mas sendo atenuada a força com que o discurso doador de sentido pode ser evocado. Já o aspecto “prudente DC segurança”, integrante da AE da palavra isolada, sofre leve transformação, figurando como “um pouco prudente DC segurança” na AE do sintagma, também reduzindo a força com que o discurso doador de sentido pode ser evocado. “Um pouco” opera assim como um *modificador desrealizante atenuador*.

O caso do *modificador desrealizante inversor* é um tanto mais complexo, pois se trata de um operador que funciona como negação⁹, integrando à AI do sintagma um aspecto converso ao da AI da *palavra plena* isolada (DUCROT, 2002, p. 12). Assim, se a palavra “prudente” se combina com a palavra “pouco”, com função de advérbio, formando o sintagma “pouco prudente”, o aspecto “perigo DC precaução”, integrante da AI de “prudente”, transmuta-se, como integrante da AI do sintagma “pouco prudente”, no aspecto converso “perigo PT NEG-precaução”. Em relação à AE, temos um efeito semelhante, o aspecto “prudente DC segurança”, que integra a AE de “prudente”, transforma-se em “pouco prudente DC NEG-segurança”. O *modificador desrealizante inversor*, portanto, faz com que o discurso doador de sentido do sintagma se equipare ao discurso doador de sentido do oposto da *palavra plena* isolada. No caso de “pouco prudente”, os discursos doadores de sentido são semelhantes aos discursos doadores de sentido de “imprudente”.

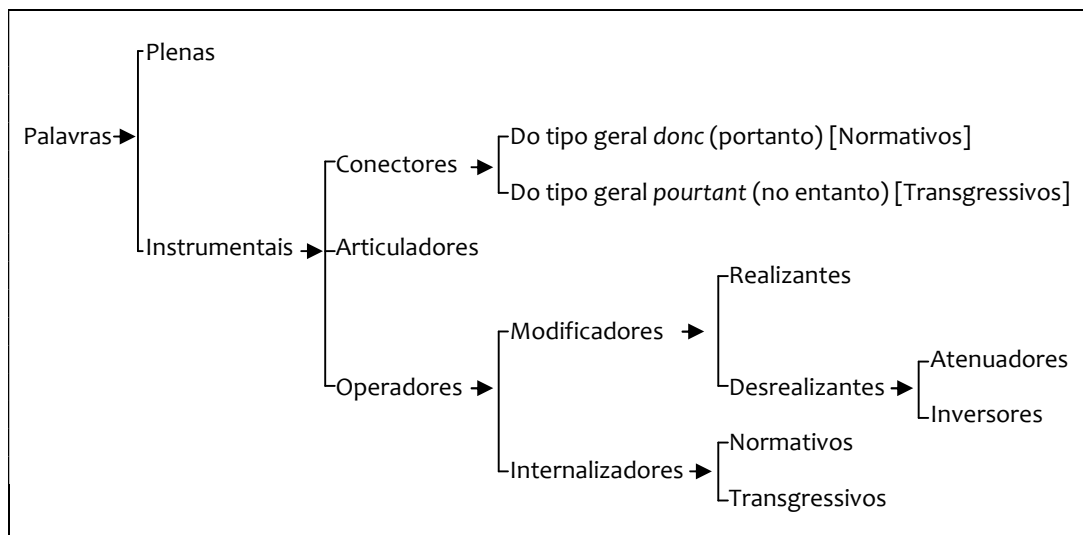
É interessante destacar que, como mencionamos na Introdução, as palavras que costumam integrar a classe dos *modificadores* são advérbios e adjetivos. Foi sobre palavras desses dois grupos que Ducrot se debruçou para propor sua classificação. A presença de determinados pronomes possessivos na classe dos *modificadores*, que examino neste artigo, não chegou a ser pesquisada pelo autor.

A última classe de palavras identificada por Ducrot é a dos *internalizadores*, cuja função é, ao se unir a uma *palavra plena*, transformar um determinado aspecto da AE da *palavra plena* isolada em um aspecto da AI do sintagma (DUCROT, 2002, p. 14-23). Tal classe de palavras foi proposta pelo autor após exame de locuções como “em vão”. Assim, se a palavra “prudente” pode evocar o aspecto normativo “prudente DC segurança” e o aspecto transgressivo “prudente PT NEG-segurança” em sua AE, o sintagma “prudente em vão” terá, como aspecto de sua AI, o aspecto transgressivo da AE da *palavra plena* isolada: “prudente PT NEG-segurança”. Os *internalizadores* podem, segundo o autor, ser subdivididos em *normativos* e *transgressivos*, conforme o aspecto da AE da *palavra plena* que é integrado à AI do sintagma. Também não me deterei nesta questão, já não a examinarei durante a análise do corpus.

Feita essa breve revisão da classificação semântica do léxico proposta por Ducrot (2002), podemos resumir-la no Quadro 1:

⁹ No texto de 2002, Ducrot fala em “negação atenuada” (DUCROT, 2002, p. 12).

Quadro 1 - Classificação semântica do léxico



Fonte: Elaboração própria com base em Ducrot (2002)

Passo, agora, à análise do corpus.

2. Análise do corpus

A minha análise se concentrará em um fragmento do trecho inicial da letra da canção “Na Subida do Morro”, que acredito ser suficiente para os propósitos deste artigo. Vejamos como a canção se inicia:

Na subida do morro me contaram
 Que você bateu na minha nega
 Isso não é direito:
 Bater numa mulher
 Que não é sua

Desse trecho, isolei o fragmento “Isso não é direito: / Bater numa mulher / Que não é sua”. Embora não seja meu objetivo descrever as relações polifônicas do enunciado, creio que vale destacar que, no fragmento, o locutor fala por meio de uma voz geral, classificada por Carel e Ducrot de “MUNDO” (CAREL; DUCROT, 2010 [2009]; CAREL, 2011). Ou seja, o enunciado é construído de forma como se houvesse consenso em torno da proposição “Não é direito bater numa mulher que não é sua”. Temos, então, a seguinte unidade de discurso:

(posto, MUNDO, [Não é direito bater numa mulher que não é sua])

Feita essa pequena digressão, passo à análise da função que o pronome possessivo exerce sobre os aspectos dos encadeamentos argumentativos

evocados pela *palavra plena* “mulher” em “Não é direito bater numa mulher que não é sua”. Inicialmente, gostaria de observar que o enunciado pode ser subdividido da seguinte forma:

(1) “Não é direito bater em mulher”

(2) “É direito bater em sua mulher”

A partir de (1), podemos dizer que a *palavra plena* “mulher” evoca um discurso doador de sentido cujo aspecto normativo da AE é:

(3) AE de “mulher”: mulher DC NEG-direito a agredir

Se, ainda a partir de (1), transformamos o aspecto descrito da AE de “mulher” em seu recíproco para chegarmos, conforme a proposição de Carel acerca da negação mencionada durante a revisão bibliográfica (CAREL, 2001), na AE do oposto de “mulher”, que, na falta de palavra mais precisa, chamo de “não mulher”, temos:

(4) AE de “não mulher”: NEG-mulher DC direito a agredir

Já a partir de (2), podemos dizer que o sintagma “sua mulher”, formado pelo pronome possessivo “sua” e pela *palavra plena* “mulher”, evoca um discurso doador de sentido cujo aspecto normativo da AE é:

(5) AE de “sua mulher”: sua mulher DC direito a agredir

Comparando (4) e (5), tem-se a primeira demonstração de que “sua mulher” equivale a “não-mulher” ou, dentro do aspecto, a “NEG-mulher”, e de que o pronome possessivo “sua” opera, argumentativamente, como uma negação, exercendo a função de *modificador desrealizante inversor* conforme concebida por Ducrot (1995).

O discurso doador de sentido cujo aspecto compõe a AI de “mulher” evocado pelo enunciado é mais difícil de determinar. Embora tal determinação não seja fundamental à análise, bastando a descrição da AE de “mulher”, proponho, com o intuito de tornar mais clara a análise, relacionando-a com a atualização da definição dos modificadores feita por Ducrot (2002), e admitindo que minha proposta não é consensual, que a AI evocada por “mulher” em (1) seja construída a partir das palavras “frágil” e “cuidado”. Justifico minha proposta considerando que a noção de fragilidade, e a consequente necessidade de cuidado, ligada à mulher parece ser

frequentemente evocada pelo discurso machista. Tal relação pode ser notada não apenas na referência ao feminino como “sexo frágil”, como também em máximas do tipo: “Numa mulher não se bate nem com uma flor”. Assim temos:

(6) AI de “mulher”: frágil DC cuidado

Se, ainda a partir de (1), transformamos o aspecto descrito da AI de “mulher” em seu converso para chegarmos, conforme a proposição de Carel acerca da negação, na AI do oposto de “mulher”, que, novamente, na falta de palavra mais precisa, chamo de “não mulher”, temos:

(7) AI de “não mulher”: frágil PT NEG-cuidado

Considerando as mesmas ressalvas que expus acima, é possível descrever o aspecto da AI do sintagma “sua mulher”, a partir de (2), da seguinte forma:

(8) AI de “sua mulher”: frágil PT NEG-cuidado

Comparando (7) e (8), tem-se a segunda demonstração, a partir da AI, de que “sua mulher” equivale a “não-mulher”, de forma que o pronome possessivo “sua” opera, argumentativamente, como uma negação, exercendo a função de *modificador desrealizante inversor* conforme concebida por Ducrot (2002).

Dessa forma, confirma-se que, no enunciado analisado, o pronome possessivo “sua” desrealiza o sentido da *palavra plena* “mulher”, evocando discursos opostos aos evocados *pela palavra* “mulher” isoladamente.

Novamente ressaltando que a análise das relações polifônicas do enunciado vai além dos propósitos deste artigo, creio que vale mencionar que a forma como o enunciado é construído põe a proposição não como se fosse um ângulo de vista do locutor, mas como se houvesse consenso em torno dela, apagando ele mesmo, o enunciado em seu interior, discursos que possam contradizer tal proposição. Esse tipo de relação polifônica sugere que as considerações a respeito do pronome possessivo de terceira pessoa “sua” sejam também válidas para pronomes possessivos de primeira e segunda pessoas, “minha” e “tua”.

Conclusão

Procurei demonstrar, neste artigo, como o pronome possessivo exerce, em determinadas manifestações do discurso machista, o papel de *modificador desrealizante inversor* ao se unir à *palavra plena* “mulher”. Espero, com isso, ter contribuído para embasar, por meio de uma descrição teórica – e, portanto, para além de uma explanação impressionista –, como a noção de propriedade, materializada pelo pronome possessivo, desrealiza o sentido de “mulher” em tais manifestações. Ensejo também ter colaborado com os estudos acerca dos *modalizadores desrealizantes inversores* ao evidenciar que, além de adjetivos e advérbios, pronomes possessivos podem também executar tal função argumentativa.

Considero que novas análises possam trazer um aprofundamento a respeito tanto do papel que os pronomes são capazes de exercer entre as classes semânticas do léxico proposta por Ducrot (2002), como das influências que a noção de propriedade no discurso machista exerce sobre o sentido de mulher. Creio serem particularmente interessantes análises de enunciados que se iniciam com o fragmento “minha mulher não [...]” ou “mulher minha não [...]”, seguidos de verbo no presente do indicativo, e também análises de bordões como “mulher de amigo meu para mim é homem”, tendo em vista que a expressão “de amigo meu” pode ser facilmente substituído pela contração “dele”, integrada pelo pronome pessoal “ele”.

Termino este artigo salientando que, a meu ver, a descrição teórica da influência do pronome possessivo sobre a *palavra plena* “mulher”, mais do que evidenciar relações puramente linguísticas, sugere como a enunciação, por meio da forma como é construída, reproduz determinadas relações sociais. No caso analisado, relações de poder entre homens e mulheres que, pelo que se depreende das sucessivas reinterpretações recebidas pela canção “Na Subida do Morro”, encontram eco há mais de meio século¹⁰.

¹⁰ E, se considerarmos, como mencionado na nota de rodapé 3, que a primeira interpretação da canção ocorreu na década de 1930, ainda que não tenha sido gravada, podemos dizer, mais do que há mais de meio século, há quase um século.

Referências

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Tradução: Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994 [1983].

CAREL, Marion. **Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation dans la langue**. França, 1992. Thèse (Doctorat en Mathématiques et Applications aux Sciences de l'Homme - Logique linguistique) – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

_____. Trop: Argumentation interne, argumentation externe et positivité [1995]. In: ANSCOMBRE, Jean-Claude (org.). **Théorie des Topoi**. Paris: Kimé, 1995. p. 176-206.

_____. Argumentation interne et argumentation externe au lexique: des propriétés différentes. **Langages**, Paris, a. 35, n. 142, p. 10-21, jun. 2001. DOI: 10.3406/lgge.2001.880. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2001_num_35_142_880. Acesso em: 9 jul.2018.

_____. A polifonia linguística. Tradução: Leci Borges Barbisan. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9218/6368>. Acesso em: 9 jul. 2018.

_____; DUCROT, Oswald. Atualização sobre a Polifonia. Tradução: Telisa Furlanetto. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1385/862>. Acesso em: 9 jul.2018.

_____; MACHADO, Julio Cesar. Debate sobre a Teoria dos Blocos Semânticos e a Semântica do Acontecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 38-46, jan./mar.2016. DOI: 10.15448/1984-7726.2016.1.21363. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21363/14335>. Acesso em: 9 jul.2018.

DUCROT, Oswald. Les modificateurs déréalisants. **Journal of Pragmatics**, v. 24, n. 1-2, p.145-165, jul.1995. DOI: 10.1016/0378-2166(94)00112-R. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/037821669400112R>. Acesso em: 9 jul.2018.

_____. Os Internalizadores. Tradução: Leci Borges Barbisan. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14221/9431>. Acesso em: 9 jul.2018.

GONÇALVES, Alexandre Augusto Teixeira. **Moreira da Silva: o último dos malandros**. Rio de Janeiro: Sonora, 1996.

SOUZA, Tárík de. **O som do Pasquim: grandes entrevistas com os astros da música popular brasileira**. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. Coordenação da tradução: Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1980.

Forma de citação sugerida

SILVA, Alvaro Magalhães Pereira da. “Minha mulher” é igual a “não mulher”? O pronome possessivo como modificador desrealizante inversor no discurso machista. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 17, p. 19-32, jul./dez.2018. DOI [dx.doi.org/10.17648/eidea-17-2147](https://doi.org/10.17648/eidea-17-2147).